

O RACISMO NO PRESENTE HISTÓRICO: A ANÁLISE DE MICHEL FOUCAULT

Guilherme Castelo Branco *

RESUMO

O presente trabalho relê as contribuições de Michel Foucault no domínio do bio-poder e busca explicitar um aspecto pouco desenvolvido de suas análises: o de que o desenvolvimento do capitalismo traz em seu bojo um racismo estatal e de caráter biologizante, que se revela especialmente genocida. A revelação das características do racismo estatal, assim como as conseqüências implicadas nesse modo recente de gestão da vida social e política é o objetivo de nossa investigação.

PALAVRAS-CHAVES: Racismo; genocídio; resistências ao poder; estado contemporâneo; Foucault, M.; vida.

ABSTRACT

This article studies the contribution of Michel Foucault in the domain of bio-power and tries to explain better a generally unknown aspect of his analysis: that the

* Professor Adjunto da *Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ* e Coordenador do Grupo de Pesquisa *A Filosofia Contemporânea Francesa na Segunda Metade do Século XX*.

development of capitalism brings in itself a state racism with a biological character that reveals itself particularly as a genocide. The revealing of the characteristics of state racism, as well as the consequences implicated in this way of social and political administration is the objective of our investigation.

KEY-WORDS: Racism; genocide; resistance to power; contemporary state; Foucault, M.; life.

As repercussões de uma das mais importantes obras de Michel Foucault, o *História da Sexualidade I. A vontade de saber*, publicado na França em 1976, não foram desprezíveis. O número de trabalhos sobre o livro e sua utilização direta e indireta pelos pesquisadores da filosofia e das ciências humanas é expressivo, no mundo e no Brasil, especialmente no que diz respeito à sua contestação da hipótese sobre a repressão sexual e às suas proposições sobre a analítica do poder. As novidades conceituais e metodológicas contidas neste livro justificam – com razão – todo o interesse que suscitou à época e suscita ainda hoje. Todavia, a hipótese que eu gostaria de apresentar neste trabalho é a de que uma das mais importantes contribuições e inovações do livro diz respeito ao racismo. Ao ver de Foucault o racismo é partícula central do modo de ser da sociedade e do poder político na atualidade, em particular no ocidente, tese apresentada justamente no último (e pouco estudado) capítulo do *História da sexualidade I*, que tem por título *Direito de morte e poder sobre a vida*.

Cabe notar que durante muitos anos não foram poucos os que consideraram este capítulo do livro *História da Sexualidade I. A vontade de saber* como sendo estranho ao conteúdo do restante do livro, e por isso mesmo pensaram que ele seria um complemento externo e desconectado do corpo efetivo do trabalho. Nos cursos universitários, na imensa maioria dos casos, toda análise centrava-se nos quatro primeiros capítulos do livro, e para muitos, antes e hoje, é como se o capítulo *Direito de morte e saber sobre a vida* não merecesse ser digno sequer de leitura, quanto mais de leitura atenta. Entretanto, recentemente este comportamento diante

deste capítulo do livro tem se modificado e muitos intelectuais, sobretudo os motivados pelos temas centrais da filosofia política contemporânea, tem se debruçado com interesse vigoroso e crescente pelas idéias aí contidas. Não podemos deixar de observar que o *Droit de mort et pouvoir sur la vie*, entretanto, tem sido também utilizado para analisar o biopoder a biotecnologia, uso pertinente e valioso da trama conceitual do pensador francês, mas que a nosso ver ainda assim não esgota os momentos particularmente agudos, senão geniais, da análise do modo operacional da gestão de poder efetuada pelos Estados no decorrer dos últimos cento e cinqüenta anos.

O texto não é fácil, nem linear, menos ainda óbvio. Está, por outro lado repleto de temas, tão fascinantes que podem nos afastar do que considero ser sua mais profunda hipótese contida no breve e denso ensaio: a de que o racismo é a prática que tem dado sentido à gestão política dos Estados nos últimos séculos. Vamos às suas formulações: Foucault começa sua análise lembrando do privilégio antigo do poder soberano, oriundo com certeza de Roma Antiga, de ter direito sobre a vida e poder sobre a morte, privilégio seja dos pais sobre os filhos, seja do senhor sobre os escravos, seja do soberano sobre os súditos. Neste caso, o poder soberano tanto exerce seu direito sobre a vida quanto faz valer seu poder sobre a morte. Desta maneira, “o direito que se formula como ‘de vida e de morte’ é, de fato, o direito de *fazer morrer e deixar viver*”.¹

Na continuação, todavia, Foucault alerta para uma modificação profunda nos mecanismos de poder no Ocidente,

¹ FOUCAULT, M. *Histoire de la Sexualité I. La volonté de savoir*. Paris, Gallimard, 1976, p. 178.

que teve início nos primórdios da época contemporânea: doravante o poder torna-se “um poder destinado a produzir forças, a fazê-las crescer, a ordená-las, bem mais que barrá-las, fazê-las se dobrarem, ou destruí-las”². Paradoxalmente, ao mesmo tempo a morte “[...] aparecerá como o simples inverso do direito para o corpo social de se assegurar de sua vida, de mantê-la ou de desenvolvê-la”³.

Se a partir do século XX as guerras tornam-se cada vez mais sangüinárias, se os regimes praticam holocaustos com suas próprias populações, é porque tais práticas complementam “[...] um poder que se exerce positivamente sobre a vida, que busca geri-la, majorá-la, multiplicá-la, exercer sobre ela controles precisos e regularizações do conjunto”⁴. As mortes, as guerras e os genocídios são justificados pela vida, se fazem em nome da vida, o que não deixa de ser um fato paradoxal e pleno de conseqüências. Se os Estados, no mundo contemporâneo, realizam tantas guerras e genocídios, com crescente número de mortes terríveis, alerta Foucault, é porque “os massacres se tornaram vitais. Foi enquanto gestores da vida e da sobrevivência dos corpos e da raça que tantos regimes realizaram tantas guerras e mataram tantos homens”⁵.

As práticas de Estado em curso no nosso tempo, alicerçadas na moderna administração da vida social, poderiam perfeitamente ser explicadas pelo ‘princípio do genocídio’, segundo o qual, *inicialmente, deve-se escolher*

² Op. cit., p. 179.

³ Ibidem.

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem.

quem matar para depois deliberar sobre quem deixar viver. O alerta é feito por Michel Foucault: “o princípio: poder matar para poder viver, que sustentava a tática dos combates, tornou-se princípio de estratégia entre Estados”⁶, que não buscam mais se legitimar tão somente pela clássica tese jurídica da soberania, mas sobretudo pelo poder *biológico* de salvaguardar a existência de suas populações pelo poder de eliminação do que é lhes considerado estranho e/ou externo. Esta forma de gestão/explicação do poder de Estado, na verdade, esclarece bem mais seu potencial mortífero e destruidor do que sua força de intervenção em prol de premissas igualitárias e da realização de bens sociais coletivos. Desde então, justifica-se tanto o poder de morte dos Estados sobre sua própria populações quanto seu poder para eliminarem as populações de outros Estados, quando são considerados inimigos, hostis, sem interesse, estranhos.

A tese de Foucault não poderia ser mais veemente, e vem com toda força na passagem a seguir: “se o genocídio é o sonho dos poderes modernos, não por retorno, na atualidade, do velho direito de matar [do soberano], é porque o poder se situa e se exerce no nível da vida, da espécie, da raça e dos fenômenos massivos da população”⁷.

Continuemos. Segundo o pensador francês, na sociedade ocidental, a partir do século XVIII, na qual o “poder político se deu por função gerenciar a vida”⁸, dois pólos de controle vieram a se constituir. O primeiro,

⁶ *ibidem*.

⁷ *Ibidem*.

⁸ Op. cit., p. 182.

disciplinar, fez do corpo humano algo como uma máquina otimizável, passando a integrá-lo aos demais sistemas de controle de caráter sobretudo político e econômico. O segundo pólo centrou-se no corpo-espécie, isto é, no corpo que pode suportar intervenções e regularizações, mecanismo de intervenção que Foucault denominou de “bio-política da população”⁹.

Na modernidade instaura-se a era do biopoder, na qual se estuda e se controla, dentre outras coisas, “[...] a natalidade, longevidade, saúde pública, habitação, migração”¹⁰ de uma região ou de um país, do mesmo modo como se desenvolvem técnicas “[...] para se obter o assujeitamento dos corpos e o controle das populações”¹¹. Sem dúvida, o bio-poder tornou-se uma das ferramentas mais úteis posta à disposição para o avanço do capitalismo, uma vez que, dentre outras coisas, efetuando a “[...] inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e estabelecendo um ajuste dos fenômenos populacionais aos processos econômicos”¹². As instituições e técnicas de poder de poder sobre a vida, portanto, estão presentes em todos os níveis do corpo social, e desempenham papel chave no funcionamento do capitalismo no ocidente, de há muito.

Foucault faz uma observação bastante pertinente sobre o mundo ocidental (ocidental, no modo de falar francês, indica sobretudo os países ditos ricos da Europa e os USA), que, no seu entender, é um bloco que vive de acordo

⁹ Op. cit., p. 183.

¹⁰ Op. cit., p. 184.

¹¹ Ibidem.

¹² Op. cit., p. 185.

com uma bio-política que “faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos e faz do saber-poder um agente de transformação da vida humana”¹³. Como resultado, chegou-se bem próximo a uma população adequada aos padrões de consumo desejáveis e controlados pelas instituições sociais e iniciativas políticas. Como resultado, os perigos da fome, das endemias e da pobreza coletivos estão, em tese, bastante afastados do ‘mundo desenvolvido’. Em compensação, Foucault afirma categoricamente que “fora do mundo ocidental, a fome existe, em uma escala maior do que nunca; e os riscos biológicos vividos pela espécie são talvez maiores, mais sérios – quem sabe? – do que antes do nascimento da microbiologia”¹⁴.

O quadro descrito por Foucault não é nada otimista, e vem nos alertar que o mundo está rachado entre o europeu tradicionalmente entende como ocidente (civilização) e resto do mundo (barbárie). Visto por quadro, a partir da mais simples dedução, nós do Brasil não fazemos parte do mundo civilizado e o que temos diante de nós é um contexto social complicado e com perspectivas bio-políticas sombrias. Os países pobres ou não-ocidentais, de acordo com o quadro desenhado pela análise de Foucault, são vistos com perigosos para o mundo civilizado, pois o cercam de ameaças que eles conseguiram superar. Que atitude poderíamos esperar dos países ricos diante dos países pobres?

Voltemos, mais uma vez, às análises de Foucault sobre o que ocorreu aos países ocidentais com a utilização

¹³ Op. cit., p. 188.

¹⁴ Ibidem.

crescente da bio-política e do uso dos dispositivos de biopoder. Segundo ele, o sangue, as alianças baseadas no sangue, no valor simbólico de castas ou estamentos, foi substituído, no decorrer dos últimos duzentos anos, pelo sexo, pelas normas e regras de vida, pelas regularizações e disciplinas. Mas é o próprio Foucault quem alerta para o fato de que o simbolismo do sangue não foi pura e simplesmente substituído pela analítica da sexualidade. Em muitos casos (rebatimentos, interações ou ecos), a temática do sangue acabou por comparecer sub-repticiamente no exercício do poder político quando se supunha que ele estava ou está se exercendo apenas nos dispositivos do sexo. É neste caso, para Foucault, que o racismo se revela, na sua mais moderna versão, sob uma capa de política estatal, numa forma de preocupação apenas aparentemente biológica e/ou médica. Um conjunto de intervenções conjuntas se fazem sentir, numa ordem de complexidade crescente, para a cuidado racial (biológico) da população: “toda uma política de povoamento, da família, do casamento, da educação, da hierarquização social, da propriedade, e uma longa série de intervenções permanentes ao nível do corpo, das condutas, da saúde, da vida cotidiana receberam então sua coloração e sua justificativa do cuidado mítico de proteger a pureza do sangue e de fazer triunfar a raça”¹⁵.

A forma contemporânea de racismo mobiliza diversos micro-poderes, instituições e políticas estatais, que ativam saberes e capacidades técnicas a serviço da “exaltação onírica do sangue superior”¹⁶. A união de racismo cínico com a eufórica perspectiva de purificar o sangue e proteger

¹⁵ Op.cit., p. 189.

¹⁶ Op. cit., p. 197.

o povo, assim, é um dos elementos mais característicos do mundo contemporâneo. Caracteriza, ademais, modos de pensar e agir que propiciam o genocídio sistemático dos outros, dos indesejáveis, e torna possível até mesmo o sacrifício total do próprio povo em nome da defesa de uma identidade política, cultural e/ou étnica. O nazismo, considerado segundo a análise de Michel Foucault, realizou uma combinação dos fantasmas do sangue com usos explícitos e exagerados de poder disciplinar que acabou por tornar seu racismo tão terrível como ingênuo. Se o nazismo realizou o maior e mais terrível massacre de que os homens se lembram na atualidade, os crimes racistas praticados em massa no último século são disseminados e amplamente espalhados por todos os blocos políticos e por todos os países do mundo, na maioria dos casos feitos segundo uma administração calculada das mortes com o controle dos meios de divulgação de seus resultados. Na prática, a razão científica e os saberes técnicos ligam-se a dispositivos de controle social, para juntos levarem a cabo o exercício racional do assassinato em massa. Talvez seja o caso de se fazer uma análise mais detalhada dos vínculos do logocentrismo com o racismo, insinuada por uma passagem muito clara de Foucault: “uma das inumeráveis razões pela quais eles [o fascismo e o stalinismo] são, para nós, tão perturbadores é que, apesar de sua singularidade histórica, não são originais. Utilizam e ampliam mecanismos já presentes na maioria das sociedades, Mais do que isto: apesar de sua própria loucura interna, eles utilizaram amplamente, as idéias e os artifícios de nossa racionalidade política”¹⁷.

¹⁷FOUCAULT, M. – Le sujet et le pouvoir in *Dits et Écrits*, vol. IV, Paris, Gallimard, 1984, p. 224.

Seria o caso, também, de perguntar se as guerras não teriam tão somente componentes políticos, ideológicos ou econômicos, mas se, pelo contrário, elas obedeceriam sobretudo a um critério e agir racistas que visam à eliminação dos indesejáveis escolhidos segundo padrões montados por toda uma racionalidade bio-política. Por outro lado, poder-se-ia pensar que desde a emergência do estado Moderno surgiu uma pseudo-justificativa oficial para a administração controlada da raça e da população: os outros elimináveis não possuiriam as boas qualidades desejáveis a um corpo social normal ou ideal. O outro indesejável, anormal, logo passível de eliminação, seria aquele possui alguma falha, seria aquele que não possui os atributos plenos do ser humano civilizado normal, este sim merecedor da manutenção na existência, racial, eugênica e comportamental, uma vez que possui um modo de vida adequado aos princípios das modernas técnicas de gestão da vida.

Vale a pena lembrar que as práticas racistas, se pudermos seguir o fio do raciocínio foucaultiano, não se limita ao conflito Norte-Sul, ou ricos contra pobres, ou Estados Unidos e aliados contra países por eles designados como 'hostis'. Tal maneira de pensar obedeceria a um maniqueísmo já em desuso, como seria o caso, hoje, de culpar Bush pelas mazelas racistas e predatórias praticadas do bloco capitalista. Bush é tão culpado como todos os chefes de estado dos últimos tempos, quando são praticantes do controle bio-político das populações e dos povos.

Lembremos, também, que tais práticas de eliminação racial e social não são características apenas de conflitos entre países contra países pobres e países com distintas

filiações religiosas. Práticas de eliminação racial são ocorrências efetivas no processo dinâmico das sociedades contemporâneas ocidentais. No interior de todos os países com esta tradição, em especial em países do terceiro mundo com perspectivas de ascensão econômica, pode-se contatar, com pesquisas históricas, e até mesmo acompanhando jornais, grandes operações de purificação racial e eliminação daqueles que foram e são considerados ‘indesejáveis’. No Brasil, creio que valeria a pena pesquisar com mais detalhes quais operações racistas (camufladas ou não) ocorreram no passado e estão em vias de acontecer no presente momento. Não parece sem sentido analisar, por exemplo, todos os processos de exclusão social, de internação e de aprisionamento que tiveram lugar nas últimas décadas e verificar o total de mortes ocorridas neste espaço de tempo, número que talvez chegue à casa dos milhões de pessoas. Cabe estudar o total de mortes vindas da violência urbana, das lutas agrárias, dos conflitos sindicais e dos descasos do Estado e instituições públicas em todas as suas políticas, em especial no campo da saúde coletiva e da previdência social. Brasileiros morreram e ainda morrem, em proporções inimagináveis, de falta de cuidado, de falta de assistência, de omissão deliberada. Essas mortes não poderiam deixar de ser previsíveis. Fazem parte dos cálculos de planejamento social e do cálculo virtual dos potenciais detentores de pensões e aposentadorias. Cabe dar estatuto de verdade ao que já sabemos: que nos países em desenvolvimento, como é o nosso caso, elimina-se a pobreza por uma política calculada de eliminação dos pobres; nesse caso, os eliminados são preferencialmente de raças e grupos desvalorizados socialmente. Cabe lembrar que todos nós,

que somos participantes da sociedade brasileira, tomamos parte, em alguma maneira, dos diversos processos de exclusão e de eliminação sociais, em maior ou menor medida, com diferentes graus de comprometimento (estas pesquisas, cabe lembrar, realmente validariam a hipótese de que o pensamento de Foucault pode ser utilizado como uma ‘caixa de ferramentas’ para a análise histórico-social, em particular pelos movimentos sociais).

O diagnóstico de Foucault sobre o vínculo do Estado moderno com o racismo é tão marcante que soa como radical e negativo. Temos que concordar que é, de fato, um diagnóstico radical. Pois todo diagnóstico do presente tem que ser contundente, deve tocar nas cicatrizes de nosso tempo, deve alertar para o que estamos fazendo, para o que somos e o que pensamos. Sem fugas, sem maniqueísmos calculistas, sem falsos humanismos. Sem falsas esperanças, sem saídas imaginárias, sem pseudo-posições absolutamente externas ao poder. Mas a análise de Foucault está longe de ser negativa, por duas razões bastante significativas. A primeira delas está no *História da Sexualidade 1*, bem antes desse capítulo que provocou este artigo: Foucault, após suas assertivas sobre o estatuto da analítica do poder, fora de toda uma tradição de pensamento jurídico-político, e depois de dizer que o poder está em toda parte, acrescenta que “onde há poder há resistência; entretanto, esta não está numa posição de exterioridade em relação ao poder”¹⁸. Por este motivo, a análise do racismo pode perfeitamente ser entendida como a ontologia histórica do presente de

¹⁸ FOUCAULT, M. – *Histoire de la sexualité !. La volonté de savoir*, Paris, Gallimard, 1976, p. 125/126.

Foucault, servindo a uma causa estratégica, a da recusa da bio-política como razão de ser maior do Estado contemporâneo.

O resultado dessa recusa ou resistência ao poder na sua forma estatal e biologizante leva a práticas de afirmação da liberdade para o prazer e para a vida, individuais e coletivas. Duas passagens de Foucault, neste sentido, são decisivas: “[...] contra este poder [poder normalizador], ainda novo no século XIX, as forças que resistem se apoiaram naquilo mesmo sobre o qual ele investe – isto é, na vida e no homem enquanto ser vivo”¹⁹. O que mostra que as lutas de resistência devem ser lutas pela vida contra poderes que praticam genocídios explícitos ou realizam crueldades meticulosamente calculadas. A segunda passagem é também rica de significação: “é da instância do sexo que devemos nos livrar se, por uma modificação tática dos diversos mecanismos da sexualidade, desejarmos fazer valer contra os controles do poder os corpos, os prazeres, os saberes, em sua multiplicidade de resistência. Contra os dispositivos da sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres”²⁰.

Numa concepção de poder agonística como a de Foucault, na qual sempre existem poderes e contra-poderes, fica claro que existem saídas, que podem existir bons lados do combate, que nosso lado não deverá ser o do bloco ocidental. Os homens afinados com a modernidade têm que inventar meios de escapar do poder e do racismo. A conquista da liberdade que inventa é a própria vida, no que ela comporta de êxtase e de prazer.

¹⁹ Op. cit., p. 190.

²⁰ Op. cit., p. 208.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CASTELO BRANCO, G - *Saber e poder em Foucault*, **Revista Brasileira de Filosofia**, fascículo 169, v. XLI, IBF, SP, 1993.

_____. *Saber e poder: a genealogia de Michel Foucault*, **Temas e Textos**, IFCS/UFRJ, RJ, 1995.

_____. *Foucault e a estética da existência*, **Crítica**, n. 8, vol. 2, UEL, Londrina, 1997.

_____. *A modernidade em Foucault: uma breve exposição*, **Princípios**, n. 5, UFRN, Natal, 1997.

_____. *Foucault e os modos de subjetivação*, **Ciências Humanas**, n. 20, v. 2, UGF, RJ, 1997.

_____. *As resistências ao poder em Michel Foucault*, **Trans/form/ação**, v. 24, UNESP, SP, 2001.

_____. *Kant do último Foucault: liberdade e política*, **Ethica**, UGF, v. 8, n. 2, 2001.

_____. *Foucault com Deleuze: normalização, alternativa, diferenciação*. In: **Gilles Deleuze: imagens de um filósofo da imanência**, (org. Jorge Vasconcellos e Emanuel Ângelo da Rocha Frago). Londrina (PR): EDUEL, 1995.

_____. *Considerações sobre ética e política*. In: **Retratos de Foucault** (org. Guilherme Castelo Branco e Vera Portocarrero). Rio de Janeiro: NAU, 2000.

_____. *As lutas pela autonomia e liberdade em Michel Foucault*. In: **Anais das terças transdisciplinares: experimentando as fronteiras entre a Psicologia e outras práticas teóricas** (Org. Jorge Coelho Soares, Ariane P. Ewald, Carla Damas). Rio de Janeiro: Nappe/IP/UERJ/CRP, 2001.

_____. *As lutas pela autonomia em Michel Foucault*.
In: **Imagens de Foucault e Deleuze. Ressonâncias nietzschianas** (org. Margareth Rago, Luiz B. Lacerda Orlandi, Alfredo Veiga-Neto). Rio de Janeiro: DP&A, RJ, 2002.

_____. *Agonística, política e liberdade no último Foucault*. In: **Soberanias** (org. Márcia Aran). Rio de Janeiro: Contracapa, RJ, 2003.

_____. **A prisão interior in Kafa, Foucault: sem medos** (org. Edson Passsetti). São Paulo: Ateliê, Cotia, 2004.

_____. *Kant no último Foucault: liberdade e política*.
In: **Michel Foucault: entre o murmúrio e a palavra** (org. Tereza Cristina B. Calomeni). Campos (RJ): Ed. Faculdade de Direito de Campos, 2004.

FOUCAULT, M. **Histoire de la sexualité I**. Paris: Gallimard, 1976.

_____. **Surveiller et punir**. Paris: Gallimard, 1975.

_____. **Dits et Écrits**. Paris: Gallimard, 1994, 4 v.